

# METAMORFOSES

## PENSAR O MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Além do trabalho: as novas formas de  
subsistência da vida



**Julia Pedote Lourenção**  
Geógrafa, doula e  
ecoarte educadora,  
Feira Agroecológica e  
Cultural de Mulheres no  
Butantã.

**Paulo da Silva Lima  
"Galo"**  
Motoboy e liderança  
do movimento de  
entregadores de  
aplicativos



Mediação/Análise:  
**Ladislau Dowbor**

Professor Titular de Economia  
na PUCSP. Autor do livro  
"O capitalismo se desloca –  
novas arquiteturas sociais"

15/10 – 14h  
Inscrições a partir de 28/09  
[bit.ly/ciclometamorfoses](https://bit.ly/ciclometamorfoses)

Realização:

instituto  
CASA COMUM

SESC

## Economia Solidária e Feminista, uma perspectiva do esperar para a crise do trabalho

Por Julia Lourenção

“Se o mundo ficar pesado  
Eu vou pedir emprestado  
A palavra POESIA

Se o mundo emburrecer  
Eu vou rezar pra chover  
Palavra SABEDORIA

Se o mundo andar pra trás  
Vou escrever num cartaz  
A palavra REBELDIA

Se a gente desanimar  
Eu vou colher no pomar  
A palavra TEIMOSIA

Se acontecer afinal  
De entrar em nosso quintal  
A palavra tirania

Pegue o tambor e o ganza  
Vamos pra rua gritar  
A palavra UTOPIA”  
Samba da Utopia - Jonathan Silva

Sob o rufo do tambor coração, trago pelas palavras da poesia e da prosa o canto das mulheres da economia solidária, que durante a pandemia foi grito de medo, angústia, tristeza, e foi se redescobrando resistência, força e solidariedade. Seguindo o desejo pulsante durante essa pandemia de sustentação da vida, penso na nutrição da alma como um ponto central a ser tratado. Refletindo sobre a metáfora da metamorfose das borboletas, percebo que alguns esperançosos acreditavam no início da pandemia que, superados os difíceis tempos de isolamento social, veriam-se diante da fase de ser borboleta, um momento resplandecente em que a empatia e o amor teriam magicamente superado o individualismo e o ódio. Esperou-se, mas este momento não veio, ao contrário, os números de mortes por Covid-19 apenas subiram junto com o desemprego e o aumento da precarização do trabalho, vieram muitos clamando pela volta da ditadura, da “moral e dos bons costumes”, bem como aumentaram as queimadas e por fim assistimos à defesa da cloroquina e do terra planismo. E questiono, afinal, se de fato fôssemos lagartas, como poderíamos tecer firmes casulos para ao fim nos tornar borboletas se as folhas que restam estão cercadas por altos muros e nós nos encontramos fora dos domínios da propriedade privada?

Historicamente a expropriação das terras, de suas riquezas e dos meios de produção impossibilitaram o trabalho de ser compreendido como a atividade pela qual a vida é sustentada de forma mais ampla. A venda da força produtiva condiciona o recebimento do salário que, teoricamente, supre as necessidades básicas, ou quase isso, mas nem isso. Imerso nesse sistema de relações sociais hierárquicas, de exploração e opressão, a nossa relação com o trabalho está adoecida. Não fosse suficiente o grau de exploração nas situações de assalariamento nos países do capitalismo periférico e o fardo carregado pelas populações periféricas, dos danos causados por um sistema escravocrata nunca reparados, vive-se a ascensão do trabalho precarizado. Neste novo modo, governa a exploração desregulamentada, associada à digitalização, à ultra coleta de dados, e tudo forjado sob o ideal de empreendedorismo. À mecanização dos processos produtivos, à terceirização dos funcionários nas empresas e no Estado e à flexibilização da legislação trabalhista, somou-se a ascensão dos serviços de aplicativos. Configurando um quadro complexo de aumento do trabalho informal, perdas de direitos trabalhistas conquistados pelas lutas sindicais e de movimentos sociais, profundamente agravadas pela crise sanitária e financeira internacional. Esse quadro mostrou-se suficientemente complexo para engolir ao desânimo muitas de nós. Enquanto mulheres, mães, autônomas, artesãs, agricultoras, e outras categorias às quais nos enquadrámos, sentimos o fardo do cuidado com a reprodução da vida recair ainda mais sobre nós. Por defender a priorização da vida aceitamos a nossa própria impossibilidade de comercializar, de nos organizar presencialmente, e ainda assim assistir o lobby das grandes empresas reabrindo Shopping centers.

Quais respostas podem dar essas esfomeadas lagartas, quando sequer conseguem continuar a crer que poderiam um dia ser borboletas? Estas precisam, primeiramente, ser alimentadas pelo fruto primordial, e mais revolucionário de todos: a esperança. A esperança de Paulo Freire, aquela que não fica a esperar, mas que se organiza para construir alternativas coletivas.

Como ensina o poeta:

“ Resta essa faculdade incoercível de sonhar  
De transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade  
De aceitá-la tal como é, e essa visão  
Ampla dos acontecimentos, e essa impressionante

E desnecessária presciência, e essa memória anterior  
De mundos inexistentes, e esse heroísmo  
Estático, e essa pequenina luz indecifrável  
A que às vezes os poetas dão o nome de esperança.”  
(MORAES, Vinicius, 2004)

Para pensar em construir alternativas para o trabalho humano, através do qual tiramos a nutrição para os nossos seres, trago essas reflexões que são fruto de experiências e trocas vividas na Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã.

Diante da possibilidade de aprendizado pela observação dos ciclos da natureza, observamos que a morte de um ser apresenta-se como potencialidade de nutrição para outros. Será possível absorver a habilidade dos micro decompositores, de dividir, transformar, reciclar, para, enfim, nutrir uma vida nova, encontrar reconciliação com a morte simbólica de processos, ideias, sonhos? Afinal, antes de

tudo, morte é mudança, e a mudança é inerente à vida. Podemos, assim, aceitar que a limitação de sonhos e lutas antigos pode ser nutridor de novos paradigmas, sendo seu ponto de partida, na medida em que aceitamos a sua morte e permitimos seu rebrotar.

Para construir uma provocação verdadeiramente nutritiva, nos permitimos a transgressão do sonhar, de um sonho político que nos conduza pelos caminhos do dever, livre das amarras do que parece possível hoje. Porque sonhar alternativas conciliatórias para o capitalismo, num movimento de esquerda com enormes equipes de economistas tentando resolver um desafiador quebra-cabeça entre aumentar imposto disto ou daquilo, reduzir investimentos e alterar as taxas de juros enquanto se mantém intocável a absurda concentração fundiária e de renda no país? Aqui reconheço a importância histórica da luta pelos direitos trabalhistas, e posso apoiar a demanda por geração de empregos como medida emergencial, mas gostaria de convocar o coração de todos a responder se em nosso sonho de libertação e autonomia somos subordinados a alguém. Se este for nosso desejo inconsciente, que ao menos diante dessa reflexão o exponhamos à consciência. E se não for, será que a luta pode ser pautada na demanda por geração de emprego? Enquanto o emprego for a venda da força de trabalho, que produz valor e a ser surrupiado pela classe dominante do capitalismo central, não serão vistas borboletas no jardim.

Se há no mundo alimento suficiente para toda população mundial, e se o PIB per capita do Brasil em 2019 superava os R\$ 34.000,00, haverá motivos pelos quais deveria-se estar “esperançando” menos do que a perpetuação da renda básica? Desde o século passado, sob a crítica afiada de Josué de Castro (1964), sabe-se que a fome é um fenômeno político. Nem a fome nem a concentração de renda deveriam ser naturalizados. Se hoje a renda básica é emergencial, amanhã poderia ser a base para que todo ser humano habitasse o planeta com dignidade, para que a vida pudesse se construir sobre um alicerce mais sólido do que o medo de não sobreviver.

Sob outra possibilidade, não excludente da anterior, existe a construção de modelos de produção, comercialização, consumo e gestão financeira baseados no associativismo e cooperativismo, de maneira que o trabalho não esteja dissociado da posse dos meios de produção. Neste modelo, projetado e experienciado pela economia solidária e tramado nas fendas do sistema (Andrada & Esteves, 2017), nutre-se da decomposição, da morte simbólica e experienciada como metamorfose, dos trabalhadores excluídos ou em sincera recusa a viver do sistema de exploração e assalariamento. Estruturando o direito ao trabalho não subordinado, com legislação que reconheça e dê suporte ao trabalho coletivo. Esta economia encontra diversos obstáculos, desde a precarização dos trabalhadores que se juntam mas não possuem acesso a capital, até o desafio de construir alternativas diante de sistemas econômicos e políticos tão poderosos e estruturados. Mas nos diferenciamos do discurso do empreendedorismo, porque nos associamos em autogestão, e crescemos juntos. Assim, encontramos forças quando nos vemos pertencentes a uma rede com a qual partilhamos os mesmos princípios, que tendo

assegurada nossa voz e poder de decisão, com quem também podemos partilhar os trabalhos e os custos de logística.

Nos espaços em que se busca construir alternativas, nas associações da economia solidária, nas formas de resistência do bem viver, convoca-se a poesia, a música, o sonho, a serem os teimosos decompositores, a corroer esse sistema de exploração, que esvazia a vida de sentido e enche as pessoas de desânimo. Neste modelo, podemos plantar o nosso alimento, do corpo e do espírito, partilhar os tempos do trabalho produtivo e reprodutivo, e construir a organização das lutas e as bases da autogestão e da educação popular. Podemos pensar na nutrição dos sonhos quando experimentamos as alternativas que construímos, ainda que em grupos pequenos, porque são frutos da metamorfose do paradigma das relações. Seja presencial ou virtualmente, nos organizamos para nos alimentar da socialização dos bens, das propriedades e da renda, e principalmente das esperanças.